

Hilda Hilst, guardiã do tempo.
Poesia ébria e escaldante, bálsamo para as almas ardentes e
pulsantes.

Maíra Gerstner

Quero poder tocar tua palavra coisa com o meu corpo pensamento, Hilda. Se tu és maldita, és bendita também. Não és má, nem boa. Não é disso que falas. E eu agora, veja só, estou falando sobre ti. Justo sobre ti que já falou tanto sobre mim naquilo que escreveste. Pergunto-me que parte é essa que pode ser falada, justo sobre a tua palavra aguda. Sobre a tua casa campineira, cheia de paisagens antigas e arcaicas. Falo sobre teu pai, Hilda? Apolônio Hilst, esquizofrênico e poeta? Falei. Falo porque tu procuraste sempre ele em tua obra. Que homem é este que inventaste? É Deus, é o Diabo, foi seu pai e teu amante. Hilda tu alma esteve tão encarnada na Terra, escreveste tão lindamente sobre os mistérios da carne e do desejo – que viram pó. Eu quero poder gritar ao mundo a tua poesia, mas também resguardá-la e protegê-la. Eu sei que viveste a dor de não ter sido lida. Talvez a dor da poesia abridora de caminhos. Talvez a dor de ser guardiã de um portal que poucos aceitaram atravessar.

Da obra de Hilda Hilst permito-me falar em primeira pessoa. Permito-me falar do que vivi como leitora. Permito-me falar do que vivi como atriz. Permito-me dizer que o que vivi e vivo diante de Hilda está no plano sensorial e por isso é difícil essa tradução textual. Permito-me escrever uma carta, narrar imagens, emoções. Permito-me escutar o meu corpo e dele fazer nascer a palavra justa a essa mulher. O quanto grandiosa é essa poeta *maldita-bendita* que mergulhou fundo naquilo que não tem nome, no brilho do olhar, na vibração da excitação, nos sentimentos proibidos. No mistério daquilo que fomos feitos.

Por que pai? Por que mãe? Por que carne? Por que desejo? Por que homem? Por que mulher? Por que Deus? Por que Demônio? Por que tantas dualidades se somos tantos e por isso tão complexos e múltiplos?

Hilda eu não te abracei em vida. Sinta meu abraço agora. Abraço público em gratidão ao que fizeste. Por nos lembrar de onde viemos.

Eu me lembro da primeira vez que abracei Hilda Hilst. Foi na capa da Revista Caros Amigos que dizia “Fodi muito bem com belos homens”. Eu tinha então 13 anos, e atravessava um primeiro portal muito importante, guardado por outra bruxa nossa: Clarice Lispector.

Sou uma artista formada por essas bruxas mulheres brasileiras. Sou essa que atravessou portais guardados por elas, portais não muito fáceis, mas portais de vida, de mudança, de medo, do desconhecido, portais que só a experiência artística me proporcionou, como espectadora e como artista. Teclo o teclado ao som de um piano. Como gostaria de tocar piano, como gostaria de fazer tantas coisas que não faço. Sou o que sou graças também a essas mulheres como Hilda, Clarice e Lygia. Este texto é para louvá-las. E para louvar a Vida, que nos faz seres aprendizes até o nosso derradeiro fim.

Aqui me despeço, caro leitor.

Despeço-me com as palavras de Hilda, que podem ser lidas em voz alta, junto de um bom vinho. Só, ou em parceria. Na madrugada ou na mais tenra manhã. Domingo ou terça. Hoje ou amanhã. Pouco importa. Só o instante tem vez no agora.

Te amo, Vida, líquida esteira onde me deito
Romã baba alcaçuz, teu trançado rosado
Salpicado de negro, de doçuras e iras.
Te amo, Líquida, descendo escorrida
Pela víscera, e assim esquecendo

Fomes
País
O riso solto
A dentadura etérea
Bola
Miséria.

Bebendo, Vida, invento casa, comida
E um Mais que se agiganta, um Mais

Conquistando um fulcro potente na garganta
Um látego, uma chama, um canto. Ama-me.
Embriagada. Interdita. Ama-me. Sou menos
Quando não sou líquida.¹

¹ HILST, Hilda. Do desejo. São Paulo: Globo, 2004. Pg. 103